

Perdem-se as origens das fibulas na noite dos tempos; já Homero nos apresenta os seus heroes prendendo os apanhados da chlamidas com fibulas ornamentadas.

E de facto os descobrimentos archeologicos vão-nos mostrando que o primeiro typo de fibula (o de Mycenae) apparece exactamente nos logares onde o autor da *Iliada* e da *Odyssêia* faz desenrolar a vida dos seus heroes.

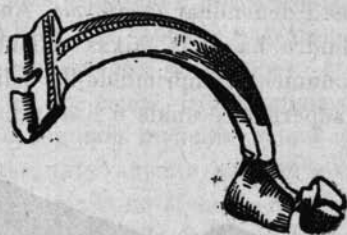
Foram as fibulas não só objectos de utilidade, como tambem de adorno e ulteriormente de luxo; serviam para segurar os vestidos de baixo, *lacerna*, *palla*, *sagum*, usando-se até no *paludamentum*, manto militar, como charlateiras.

A fibula de que trato pertence ao 7.º typo da classificação do Sr. José Fortes¹, typo constituído por fibulas de «charneira curta e pé com botão terminal»; segundo Déchelette estas fibulas tem origem italica, e datam do sec. I da era christã.

É de fórma elegante, e o arco, cujo extradorso tem os planos unidos e assinalados por um cordão gravado, termina em botão quasi conico, talhado por cortes em cruz que formam gomos.

Falta-lhe o fusilhão e metade da femêa da charneira; o descanso pendente do pé acha-se tambem incompleto.

Apesar porém de estar um pouco deteriorada, esta fibula é ainda assim um bello exemplar d'esses objectos de luxo que o Romano fazia pagar bem caro aos seus ignorantes dominados.



Uma fibula

VERGILIO P. DA FONSECA.

Tampa de sepultura da epoca romana

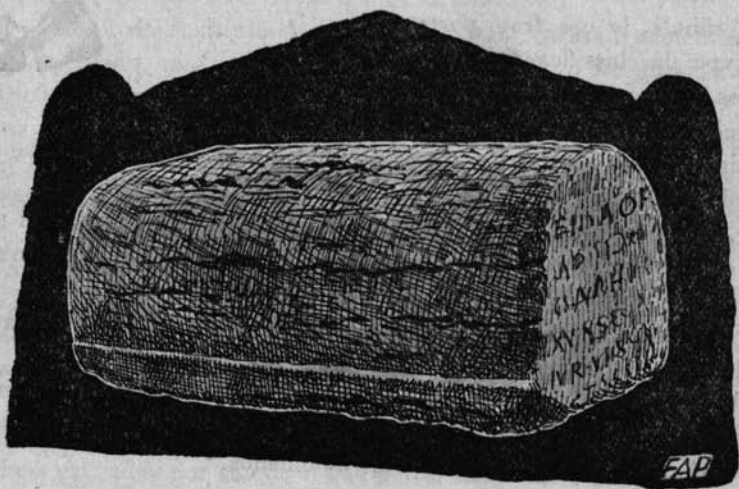
No *Diario de Noticias*, de 16 de Outubro de 1906, contava um correspondente da praia de Santa Cruz, proxima de Torres Vedras, que o dominio romano ali deixára dois monumentos, sobreviventes ainda; uma tampa sepulcral que fôra levada para o convento de Penafirme, outra que ainda se conservava junto das casas do illustre vitorioso, Sr. Manuel Francisco da Veiga. Esta acaba de ser salva de mais estragos, por ter sido offerecida, pelo seu dono, ao Museu

¹ «As fibulas do noroeste da peninsula» in *Portugalia*, t. II, fasc. I.

Ethnologico Português, mercê de dedicação de uma esclarecida autoridade, o Sr. Augusto Pinheiro da Silva, Administrador de Torres Vedras. A ambos estes distinctos torreenses aqui deixo, em nome do Museu Ethnologico Português, consignado o nosso sincero agradecimento e o applauso publico irrecusavel a tão honrosas acções.

Deve consignar-se que a campa gentilica, de que vou occupar-me, foi encontrada nos alicerces de uma ermida christã.

O seu typo é o abahulado ou semi-cilindrico e massiço. Talvez se possa denominar *arciforme*. Aos lados da secção longitudinal do semi-cilindro ha duas faixas salientes, que formam como que a base do monumento, imprimindo-lhe solidez. Nos topos ou secções transversaes a superficie é unida e lisa, sem moldura.



Lapido de Santa Cruz

Esta tampa sepulcral, apesar de conservar a sua fôrma geral de bahu ou caixão, está um pouco damnificada, especialmente na face que tem a inscripção, de cujas letras poucas estão intactas. Pesa proximo de 1 tonelada e é de pedra lióz. Mede no comprimento 1^m,18; altura, suppondo-a na posição normal, 0^m,52; largura na base 0^m,60; e largura da faixa saliente 0^m,09, sendo a saliencia 0^m,01.

Segundo as notas do *Diario de Noticias*, fôra encontrada ha 150 annos, tendo estado desde 1858 com as letras a descoberto (Veja-se *Arch. Port.*, XII, 102).

A inscripção occupa um dos topos do monumento. Póde fazer-se notar que nem sempre os monumentos d'esta especie teem os respectivos titulos nesta face; em muitos d'elles vê-se a epigraphe gravada

na superficie cylindrica e ao lado da linha mediana superior da pedra no sentido longitudinal. No Museu Ethnologico Português ha um numero de monumentos sufficiente para tirar uma conclusão geographica da frequencia dos dois systemas epigraphicos na Lusitania.

Assim do actual Algarve possui o Museu Ethnologico Português cinco d'estas tampas sepulcraes, e em todas o titulo é lateralmente collocado, tomando por ponto de referencia a linha mediana.

Do Alemtejo ha seis com inscripção (duas não a teem, sendo uma anepigrapha, outra talvez corroida); todas ostentam o letreiro longitudinal, isto é, sobre a superficie cylindrica. Se, porém, passarmos á Estremadura, encontra-se um d'estes monumentos de Cascaes (*Arch. Port.*, I, 248), com a epigrapha em um dos topos, isto é, numa das faces que seria a base do cilindro; o segundo monumento é o que constitue o objecto do presente estudo; inteiramente analogo ao de Cascaes, excepto em não ser ôco. Existe ainda no Museu, encontrada em Lisboa no jardim dos Srs. Duques de Palmella, uma terceira pedra, e esta seria identica ás do Algarve e Alemtejo se pelo seu simples aspecto não tivesse sido já reputada, por alguém de direito, de procedencia estranha (*Arch. Port.*, VII, 242).

Julgo poder-se deduzir d'estes confrontos uma lei geographica: na parte da Lusitania correspondente á Estremadura Transtagana, talvez ao Alemtejo e ao Algarve, as inscripções nos monumentos sepulcraes abahulados ou arciformes e cupiformes, eram gravadas longitudinalmente sobre a superficie cylindrica; na Estremadura Cistagana era de uso gravarem-se num dos topos. Isto mesmo já fôra notado, quanto ás duas provincias meridionaes, n-*O Arch. Port.*, I, 248.

Em cemiterios christãos e ermidas das proximidades de Lisboa (parochial S. João das Lampas, ermida do Espirito Santo na mesma freguesia, ermida da Terrugem, S. Miguel de Odrinhas¹) existem pedras perfeitamente identicas ao monumento de Santa Cruz e de Cascaes, mas destituidas de inscripção; ou a rotina as conservou através dos tempos. christãos ou as antigas arcas pagãs foram ulteriormente aproveitadas, delindo-se o letreiro correspondente. O que é innegavel, é que estas pedras pseudo-christãs são absolutamente iguaes ás de Cascaes e de Santa Cruz.

No *Archeologo Português*, em mais do que um tomo, se mencionam campas cupiformes e semi-cilindricas ou abahuladas (veja-se III, 289; IV, 107; VIII, 164, 171; IX, 276; X, 31), sem se mencionar se

¹ Aqui ha muitos e importantes vestigios da epoca romana.

o letreiro topeja ou não o monumento; nos vol. III, 290 (Mertola, no Museu Ethnológico Português) e IV, 119 (Alcaçovas) porém, referem-se duas pedras alemtejanas, e essas não infringem o uso averiguado; ambas receberam o epitaphio no dorso.

*

Vejamos agora o que se consegue ler através da degradação do marmore:

CAECILIA Q. F.
MAXVMA AN.
XXV M. S. E.
ATER. ET. IVLIA. B. O.
I ATER F. C. S. T. T. L.

A interpontuação soffreu com a corrosão da pedra. A 1.^a letra da 1.^a linha é facil de completar. Na 4.^a linha, porém, a 1.^a letra da palavra ATER, que suppus a principio, por causa de um risco que na parte do A como se fosse para um M, ser esta letra, convenci-me depois de um exame feito com o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos que deve ser um P, podendo explicar-se o risco pela acção casual dos elementos que corroeram o marmore. Está incompleta a palavra final da mesma linha; d'ella se podem ter como certas as letras BOV... No *Corpus Inscriptio-num Latinarum*, II, abundam os BOVTIVS e BOVTIA, sendo raros os *nomena* BOVIVS e BOVIA. Optarei pois por BOVTIA. Quanto ao nome da defuncta notarei que no concelho de Sintra (Odrinhas) houve uma inscripção de outra Caecilia Maxima, filha de Lucio (Caecilio).

As abreviaturas H. S. E. e S. T. T. L., são correntes em epigraphia romana.

Temos pois interpretada:

Caecilia Q(uinti) f(ilia)

Maxima an(norum)

viginti quinque. H(ic) s(ita) e(st).

[P]ater et Julia Bou[tia]

Mater f(aciendum) c(uraverunt). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).

Isto é:

Cecilia Maxima, filha de Quinto (Cecilio), com 25 annos de idade, aqui está sepultada. Mandaram fazer este monumento seu pae (Quinto Cecilio) e Julia Boucia, sua mãe. A terra te seja leve.

Quintus é um *praenomen* e como tal encontra-se sempre em abreviatura. As mulheres não o tinham (Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*,

47). Segundo a regra epigraphica, o *nomen* (ou gentilicio) do pae era o mesmo do filho, portanto onde se lê *Caecilia Quinti filia Maxima* deve entender-se *Caecilia Maxima Quinti Caecilii filia*, (Id., 58) *Maxima* era o *cognomen* da defunta.

Quanto á antiguidade d'este monumento, o purismo dos caracteres denuncia o sec. I da era christã. Segundo os tratadistas (Cagnat, *ob. cit.* p. 246) foi no tempo de Augusto que as inscrições funerarias se tornaram dedicatorias aos Deuses Manes (D. M. S.), (Cf. *Epigraphia latina*, S. Ricci, p. 86); não podemos pois modernizar mais este monumento, onde ainda se não encontra a referida formula *Diis Manibus Sacrum*.

F. ALVES PEREIRA.

A villa e concelho de Ferreira do Zezere

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, XIV, 132)

III

Dornes e o seu termo no seculo XVI

Com o andar dos tempos a Ordem de Christo tinha adquirido uma importancia e um poderio verdadeiramente excepcionaes. Por um lado novas doações, recompensando serviços prestados pelos freires, vieram acrescentar os seus dominios já bem extensos, e por outro, esses dominios, com o desenvolvimento da população e da agricultura, aumentaram consideravelmente de valor, a tal ponto que D. Manoel, o primeiro dos monarchas portuguezes que occupou o logar mais alto na governança da Ordem de Christo, no seu testamento em 1517, não duvidava recommendar, como cousa muito proveitosa e necessaria para bem do reino, que a dignidade de Mestre da Ordem não andasse senão na pessoa do rei, ou quando muito na pessoa de seus filhos ou irmãos.

Mas abaixo d'essa dignidade, que de Mestre passou a chamar-se Governador ou Administrador, e abaixo do Dom Prior, destacando-se das outras, hãvia o commendador-mór, cujas rendas foram acrescentadas pela regra de 1503 (tit. *Do acrescentamento da commenda-mór*) com as rendas da commenda de Dornes, passando portanto esta commenda desde então a ser commenda-mór, apesar de que D. Gonçalo de Sousa, que á sua frente esteve por meados do sec. XV, como vimos, já assim se intitulava.